

# Uma aventura intelectual insurgente

## *An insurgent intellectual adventure*

ALBERTO EFENDY MALDONADO GÓMEZ DE LA TORRE<sup>a</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.  
São Leopoldo – RS, Brasil

### RESUMO

Este texto apresenta uma autobiografia intelectual sintética vinculada ao processo de formação, investigação e trabalho do autor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo durante a década de 1990. A narrativa dessa trajetória intelectual segue uma linha de exposição historiográfica que pretende relacionar processos epistemológicos com aspectos cruciais da vida sociopolítica e cultural do pensador. Apresentam-se, também, contextos históricos decisivos para a estruturação gnosiológica, teórica e metodológica do pesquisador.

**Palavras-chave:** Autobiografia intelectual, Efendy Maldonado, ECA-USP, história, transformação

<sup>a</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), com Pós-Doutorado em Comunicação pela Universidade Autônoma de Barcelona. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5704-4544>. E-mail: [efendymaldonado@gmail.com](mailto:efendymaldonado@gmail.com)

### ABSTRACT

This paper summarizes an intellectual autobiography linked to the author's process of formation, investigation and work at the School of Communications and Arts of the University of São Paulo, during the 1990s. While narrating this intellectual trajectory following a historiographical exposition, the text relates epistemological processes with crucial aspects of the author's sociopolitical and cultural life. Decisive historical contexts for the gnoseological, theoretical, and methodological structuring of the researcher are also presented.

**Keywords:** Intellectual autobiography, Efendy Maldonado, ECA-USP, history, transformation

## ANTECEDENTES HISTÓRICOS

**A**S PRIMEIRAS VISUALIZAÇÕES existenciais aconteceram próximo à linha do Equador, nos Andes e nas praias do Pacífico e apresentam em nossa mente lembranças de atividades coletivas de dança, banho, travessuras e viagens. Assim, foi a partir dos dois anos e meio de idade que fomos configurando memória, percepções, emoções e prazeres. Nessa intensidade dinâmica, foi alucinante receber de presente, à idade de quatro anos, um livro, para aprender a ler, com um desenho de um beija-flor na capa, que marcou uma dimensão de partida letrada inesquecível. De fato, parecia que minha mãe tinha adivinhado que eu teria muito amor pela leitura e uma vida intelectual aglutinadora, pois na entrega do livro fez um ritual motivador com narrativas tenras sobre o valor da leitura. Essa foi uma experiência decisiva e novíssima para minha curta trajetória vital.

A leitura fascinou-me. Aprendi a ler em pouco mais de um trimestre, segundo os relatos dos adultos que eram parte do meu entorno. Nessa descoberta, o fato é que conseguia misturar as aventuras e os mundos que fluíam na minha mente com as narrativas presentes nesse primeiro livro. Depois, combinei livro e revista de quadrinhos, em especial o título *Alma Grande*, nome de luta de um revolucionário mexicano fabricado pela indústria editorial daquele país, que chegava às bancas cada semana, e eu devorava rapidamente, porque servia de modelo para nossas batalhas/brincadeiras infantis. Foi nessa vida intelectual entretida que o *sentir-pensar* da música tropical (cumbia, gaita, vallenato, chachachá, mambo, merengue, son) e da música romântica (bolero, tango, pasillo, balada) constituiu-se em uma *semiosfera musical* potente e estruturadora de um pensar/sentir aventureiro, audaz, subversivo e fraterno.

O ensino básico foi limitador, não obstante ter concedido a possibilidade de aprender a leitura e a escrita elementares, como também o domínio das operações aritméticas. Nesse processo, para mim, era relativamente fácil responder às demandas escolares, que de fato não deixaram nenhuma marca gnosiológica, reflexiva ou existencial importante. As lembranças desse período são de castigos, enquadramentos disciplinares maçantes e confrontos com os professores sobre a história oficial do Equador ensinada. Isso porque, já nesse período, tive a oportunidade de ouvir e aprender, mediante *história oral*, os ensinamentos do meu avô paterno, Rafael Maldonado, sobre a história do país e do mundo. Sua versão historiográfica questionadora, bem-humorada, gentil, popular, aventureira, irreverente e aberta a experimentações foi crucial para minha formação reflexiva, questionadora e alternativa. Com meu avô, aprendi a questionar a história oficial dos vencedores, a perguntar por outras possibilidades de realização dos processos, a pensar sobre o sentido sociopolítico dos acontecimentos. Ele foi uma espécie

de alquimista, de investigador químico, de *médico autodidata*, de fitoterapeuta que se fez como autodidata. De fato, sua formação técnica como farmacêutico não o limitou ao estrito campo das fórmulas estabelecidas: no porão de sua casa, construiu um laboratório de experimentação em que produzia cremes e remédios a partir do estudo organizado de bibliografias que combinavam fitoterapias, homeopáticas, alopatias, cosmética e química orgânica formal. Foi um experimentador inato e fecundo. Entre outros fatos históricos, cabe mencionar que, além de ser amado e reconhecido por seus pacientes, em uma conjuntura determinada foi chamado para atender ao ex-presidente da república José María Velasco Ibarra. Aplicou-lhe um tratamento exitoso, e o mandatário ofereceu-lhe o doutorado por mérito saber, concessão que se negou a receber por não ter cursado o curso oficial de medicina. Entre outras curiosidades científicas, estava seu talento para produzir cremes medicinais, e sua competência tecnológica nesse campo conseguiu manter sua esposa Rosa Herlinda sem nenhuma ruga na face até os 93 anos. Meu avô foi um sábio que me ensinou sobre as revoluções do século XIX e da primeira metade do século XX no Equador, em especial sobre a Revolução Alfarista. A afinidade com a epistemologia histórica teve um primeiro fermento nesse contexto.

No ensino médio, o ambiente intelectual melhorou aos poucos. Os primeiros dois anos foram frustrantes, conflitivos e contraditórios em relação à disciplina jesuítica conservadora, a qual não conseguia enquadrar um adolescente dinâmico e que alcançava muito bons resultados nos testes e, ao mesmo tempo, dedicava fases do período escolar a meditar e sonhar com aventuras maiores. Esses devaneios e essas especulações combinavam-se com a prática do esporte até avançadas horas da noite e a conversa informal e curiosa nas ruas do bairro com adolescentes de diversa origem, perfil e experiências – prática que me foi aproximando das culturas juvenis populares. Essa existência curiosa, exploradora, brincalhona e as conversas na rua, na praça e no campo de futebol e basquete foram configurando percepções problematizadoras sobre o mundo e a sociedade. Por coincidência e conveniência, meus pais compraram uma casa muito próxima da principal universidade pública do país. Essa proximidade permitiu entrar em contato com os discursos e as manifestações provocadas pela ação autoritária, ineficiente e corrupta dos governos de turno. Com efeito, essas vivências abalizaram de modo decisivo minha trajetória de aproximação às vertentes críticas de pensamento sociopolítico e cultural.

Cabe assinalar, nessa fase adolescente, a descoberta de minha inteligência matemática, ao receber uma introdução à álgebra pelo professor Patricio Pazmiño, que, mediante uma didática analítica fecunda, orientou-me para a fascinação, sistematização, disciplina, compreensão e exposição do mundo

matemático. Até aquela época, a experiência educativa com as matemáticas tinha sido enfadonha e até torturante, pois, na minha ótica, era absurdo ter que repetir operações mecanicamente, segundo os rituais pedagógicos formais da disciplina nos colégios da época. O mestre possibilitou-me aprender a lógica dos problemas, o que foi algo suscitador. A partir desse momento, o pensamento abstrato complexo entusiasmou-me de modo estratégico. Ao mesmo tempo, a capacidade de compreender, explicar e resolver problemas levou-me a me *descobrir* como professor, como mestre, já que comecei a ministrar aulas e orientações de álgebra aos meus colegas com dificuldades para trabalhar as matemáticas, no período extra aula. Foi assim que compreendi que tinha inteligência para ensinar, ao comprovar que meus colegas aprendiam exercícios desafiadores para o raciocínio juvenil. Essa experiência marcou-me definitivamente por renovar e ampliar minha personalidade e práxis intelectual ao relacioná-las fortemente com o campo educativo.

O ensino médio também ofereceu a oportunidade de entrar em contato com a *teologia da libertação*, a partir dos ensinamentos de uma fração de jesuítas vinculados a essa vertente filosófico-religiosa que chegaram à instituição como professores. A perspectiva de Paulo Freire e suas propostas de *educação libertadora* também entraram em cena na formação intelectual dos últimos três anos do ensino médio. Nesse contexto, emergiram também os ensinamentos dos cristãos sobre o socialismo e as vertentes das várias esquerdas insurrecionais e tradicionais. A circulação de livros, revistas e jornais dessas correntes de pensamento era dinâmica, econômica e instigante. A esse contexto acrescentava-se a existência de uma boa biblioteca paterna sobre a *arte da guerra*, dada a profissão como estrategista militar do meu pai, de quem aprendi a disciplina, o pensamento estratégico, a ética comprometida com os povos, o planejamento, a vontade de luta e a paixão por uma existência desafiadora.

A universidade constituiu-se em um espaço/tempo de liberdade e de formação de conhecimentos científicos consistentes, potentes e emancipadores. Foi na Escola Politécnica Nacional do Equador que se iniciou essa fase, a qual complementou minha formação físico-matemática como ciência básica para as engenharias. Nesse percurso, foi importante a ruptura estratégica com as linhas de aprendizagem tradicionais formalistas, mecanicistas e repetitivas. Emergiram para mim as revoluções científicas na física mediante a superação do paradigma Newton, a aproximação à revolução e a constituição do paradigma inaugurado por Albert Einstein. Recebi esses ensinamentos por intermédio de um discípulo de Richard Feynman, Bruce Honaiser, e dos ensinamentos inspiradores de Douglas Moya. Na matemática, destacaram-se meu mergulho conflitivo, esclarecedor e fortalecedor na álgebra lineal, o cálculo diferencial,

a teoria dos conjuntos com os grandes mestres Bernard Chevreau e Billy Bosman, cujos ensinamentos configuraram fortalezas lógicas, revoluções pedagógicas e aprofundamentos estratégicos na atividade teórica complexa, que potenciaram as capacidades intelectuais do jovem aprendiz Efendy, o qual combinaria esse intenso e exigente trabalho de formação com seu trabalho como professor dos cursos vestibulares e de ensino médio em física e matemática.

Foi no espaço politécnico que a formação em Ciências Sociais e em Ciências Políticas adquiriu uma importância epistemológica e histórica concreta e avançada. Por uma parte, o currículo oficial politécnico incluía na sua grade um conjunto importante de disciplinas sociais e de artes, a formação em metodologia do trabalho científico e a oportunidade de exercer atividades relacionadas à comunicação. Foi no Cine Clube Politécnico, no jornal da associação de estudantes politécnicos e no grupo de teatro Ollantay que minha identidade e potência comunicacional emergiram. Com efeito, minha afinidade com a literatura, a poesia, o exercício narrativo, minha fascinação pelo cinema e a descoberta de meus talentos teatrais me aproximariam, intensa e dinamicamente, de uma ruptura histórica definitiva com o campo de atividade físico-matemático. Foi um processo de transição doloroso, instável e forte para o campo das ciências da comunicação.

Essa história pessoal tinha como contexto sociopolítico a luta contra a ditadura militar – combate do qual emergiram minhas capacidades oratórias, políticas, organizativas e subversivas. A vitória política alcançada com a queda da ditadura e a instauração de um regime democrático representativo foram um fator central na minha perspectiva transformadora sobre o mundo. Esse triunfo incluía também a instauração da Constituição de 1978, avançada em comparação com as existentes no contexto latino-americano, cuja formulação e aprovação decorreu de um amplo e democrático processo de debate sobre dois projetos constitucionais, de sofisticada e avançada configuração. Esses fatos foram decisivos para construir minha consciência política de que era possível, e concreto, transformar os modelos políticos vigentes e derrotar o autoritarismo. Em termos teórico-metodológicos, foi categórica a formação política recebida nos núcleos das *novas esquerdas*, surgidas a partir dos processos insurgentes latino-americanos. Nesse processo, a cultura de estudo politécnica misturou-se com uma práxis e uma pesquisa teórica crítica sistemática e consistente nas cédulas, nos movimentos e nos grupos insurgentes. Foi assim que as várias vertentes do marxismo, do anarquismo, do socialismo, das filosofias da práxis foram estudadas, debatidas e operacionalizadas com entusiasmo.

O contexto intelectual e político politécnico também me levaria à imersão nas comunidades indígenas e operárias da província de Pichincha. De fato, meu conhecimento sobre as sabedorias, táticas, habilidades, talentos, cosmovisões

e culturas indígenas aconteceu num processo de 14 anos de aprendizado, experiência transformadora e de produção comunicacional, em que foi importante a fundação dos jornais a *Pluma Pinteña* e *El Tambor*, projetos que concretizariam uma potência comunicativa relevante e uma presença política renovadora.

Em retrospectiva histórica, é importante refletir sobre os modos *paraconsistentes* de configuração de sabedorias e de conhecimentos metodológicos, a partir da imersão em culturas e experiências de trabalho comunicacionais e artísticas – neste último campo, nos métodos Brecht, Buenaventura, Boal e Stanislavski do teatro e nas estratégias de análise cinematográfica a partir dos pensamentos/realizações de Pasolini, Eisenstein, Godard e Gutiérrez. Toda essa riqueza metodológica só seria aproveitada posteriormente, quando, em termos epistemológicos, o método passou a ser o problema central de meus projetos.

O deslocamento para as ciências da comunicação teve como desenlace a confluência da crise existencial, provocada pelo distanciamento das engenharias e pelo descobrimento da semiologia e da semântica estruturalistas, como uma opção de práxis teórica instigante e relevante. A explosão semiótica que gerou esse acontecimento levou-me a reconhecer que, no campo da comunicação, era possível fazer ciência consistente e valiosa. A partir daí, ingressei no curso de comunicação na Universidade Central do Equador (UCE), contexto acadêmico formal no qual construí minhas profissões e meus conhecimentos no campo do jornalismo, do audiovisual, das relações públicas e da pesquisa/planejamento em comunicação. Nesse processo, a presença do Centro Internacional de Estudios Superiores en Comunicación de América Latina (CIESPAL) foi decisiva para ter uma formação qualificada e com perspectiva internacional, pois, de fato, o currículo oficial da universidade foi complementado, adensado e ampliado com os cursos, as atividades, os projetos e as aprendizagens possibilitadas pela ação desse centro.

O curso de comunicação na UCE foi inovador e estabeleceu uma habilitação de *pesquisa e planejamento* que ofereceu uma formação integral, com forte embasamento em ciências sociais e ciências da linguagem, assim como nas diversas profissões da comunicação. Nessa atividade, o CIESPAL foi crucial para tornar possível o curso proposto por meio da presença de professores e pesquisadores, da realização de cursos e de laboratórios, biblioteca e demais instalações. A concepção de Jesús Martín-Barbero sobre a comunicação como processo, o pensamento crítico da vertente Mattelart/Dorfman/Schmucler, a linha de pensamento frankfurtiana de Antonio Pasquali, o método de análise de mensagens de Daniel Prieto Castillo, o conjunto investigativo da American Communication Research – de cujas referências a CIESPAL tinha a melhor

biblioteca da América Latina – e os programas de conferências de Leopoldo Zea, Rodolfo Mario Agoglia, Arturo Andrés Roig e Néstor García Canclini foram bases importantes de mestres e guias para minha estruturação intelectual.

No curso universitário da UCE, cabe destacar a participação articuladora, em termos epistemológicos, do grande mestre Rafael Almeida Hidalgo, livre pensador, historiador, antropólogo e arqueólogo, que desestabilizou profundamente os paradigmas formais, em especial o estalinismo, o positivismo, o funcionalismo e as práticas de produção de conhecimento, de trabalho educativo e de fazer político formais, tradicionais e burocráticas. Esse orientador extraoficial mostrou-me, com sua práxis investigativa, a relevância da articulação entre investigação teórica densa e pesquisa empírica cultural de campo concreta, comprometida, cuidadosa e aberta. Sua volumosa biblioteca incluía versões das principais crônicas da conquista espanhola, obras filosóficas das principais correntes críticas mundiais – em especial do pensamento das esquerdas que não estavam restritas às culturas burocráticas da América Latina –, livros das principais escolas antropológicas, sociológicas, jurídicas, econômicas, históricas e políticas etc. Era uma coleção para que nenhum intelectual crítico exigente pusesse defeito. De fato, para nós, esse laboratório de aprendizado teórico magnífico – o mestre, sua biblioteca, sua coleção de peças arqueológicas, as saídas a campo, as tertúlias, os saraus e os almoços de domingo – foi um ambiente educativo inspirador e fortalecedor de nossa perspectiva intelectual.

Esse conjunto de saberes, conhecimentos, metodologias, filosofias e práxis configurou um estado cognitivo de complexidade desafiador e desestabilizante. Por uma parte, apresentavam-se a comodidade e as certezas do paradigma estrutural/funcionalista, com seus processos eficientes, operativos e financiáveis, com resultados práticos, periódicos e concretos. Com efeito, a minha imersão no instituto de pesquisa comercial Marketing Operativo Investigativo (Markop), produtor de macro dados (sobre a realidade socioeconômica nacional) e pesquisas quantitativas comerciais, capacitou-me para aprender e reconhecer as potencialidades e as limitações da pesquisa operacional comercial. Por outro lado, os grandes desafios filosóficos, epistemológicos, teóricos e metodológicos fizeram-me optar pela produção de uma pesquisa estratégica, que fosse articuladora da minha constituição como pesquisador em comunicação.

A pesquisa *Geopolítica da Difusão Internacional nos Grandes Jornais de Equador...* (Maldonado, 1991) foi um projeto que pretendeu investigar o universo da produção jornalística durante três anos, ambição que fracassou pela quantidade de material coletado, com a qual se tornava impossível de trabalhar em termos individuais e com os recursos concretos daquela época. Depois de dois anos de pesquisa, decidi realizar um recorte necessário, que conformou uma amostra

de informações internacionais dos grandes jornais equatorianos restritas aos conflitos centro-americanos dos anos 1980. Configurei uma metodologia quanti-qualitativa, que combinava análise de mensagens, pesquisa histórica jornalística nas principais hemerotecas, coleta e registro em fotocópias dos produtos jornalísticos, sistematização estatística, pesquisa econômico social sobre a realidade centro-americana, trabalho de campo mediante entrevistas em vídeo e áudio nos territórios de guerra e desenho de quadros de análise, que incluíam variáveis (grandes temas) e subvariáveis (temas). Foram processadas mais de 20 mil unidades de informação, e, finalmente, foi realizada uma *análise interpretativa*, que se expressou em mais de 1.000 páginas de argumentos sobre as estratégias e produções jornalísticas da aliança entre as transnacionais (agências de notícias) e os grandes jornais oligárquicos do país.

Essa pesquisa serviu de mediação e conexão com a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), porque enviei uma proposta para cursar o mestrado no Brasil via convênio com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A solicitação foi aceita em várias importantes universidades, mas por meio das consultas com colegas brasileiros que trabalharam no Equador, em especial com o suscitador do deslocamento para o Brasil, o professor Elson Faxina, optei por dar continuidade ao processo de inserção no Programa de Pós-Graduação (PPG) de Ciências da Comunicação da ECA. Cabe salientar que, nesse processo, foi crucial a decisão da professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes de me selecionar como orientando de mestrado. Penso que a ênfase metodológica da proposta e o foco latino-americano foram importantes para a seleção, que logo levaria a estabelecer um vínculo de trabalho investigativo estratégico, inestimável e potente entre nós.

### A VIDA NA ECA-USP

A imersão na ECA foi um processo intenso, dinâmico, desestruturador, transformador e inventivo. A concentração em disciplinas de caráter epistemológico e metodológico tornou possível a confluência de esforços intelectuais, teóricos, existenciais e institucionais, que, por sua vez, propiciaram uma adaptação processual esforçada, dolorosa, entusiasmante, visualizadora e fecunda. As exigências da orientadora de apresentar relatórios semanais sobre o trabalho no mestrado permitiram uma reflexão continuada e o aperfeiçoamento acelerado do trabalho em língua portuguesa brasileira.

As densas, volumosas e esclarecedoras argumentações orientadas pelas disciplinas abriram campos de estudo desconhecidos e mostraram uma diversidade de opções teóricas valiosas, consistentes e renovadoras. Esse processo

obrigou-me a realizar uma transformação pessoal epistemológica profunda e ampla, de modo que, ao final do primeiro semestre, já podia me considerar um membro integrado à cultura da ECA em sua diversidade e heterogeneidade. A orientação para participar de aulas de vários departamentos foi chave, e a seleção de professoras(es) responsáveis pelas disciplinas foi acertada e importante, dado que combinavam exigência, formação teórica avançada, abertura epistemológica e renovação crítica dos paradigmas, dos referentes teóricos e dos modelos metodológicos. O ambiente intelectual produtivo, intenso, transformador e dinâmico, característico da vida paulistana, fascinou-me a partir do segundo semestre. Nessa trajetória, a experimentação teórico-metodológica ampliou-se para o conjunto da USP e comecei a participar de seminários, conferências e disciplinas em várias faculdades, em especial nas de Filosofia, Ciências Sociais e Politécnica. Os laboratórios abertos 24 horas por dia na Politécnica permitiam que aproveitasse melhor o tempo e pudesse trabalhar às noites e madrugadas. O fato de não possuir computador pessoal era comum, em especial junto aos estudantes do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (Crusp), que dependiam dos laboratórios das faculdades, até que, depois de vários esforços, solicitações e negociações, conseguimos um pequeno laboratório para o conjunto residencial.

A condição de estudante com poucos recursos financeiros obrigou-me a formular e articular diversas atividades e processos que suprissem as limitações às que estava condicionado e, assim, estabeleci relações com o Programa de Estudos sobre América Latina (Prolam), com os projetos culturais da reitoria, com o sindicato, com o Diretório Central de Estudantes (DC), e organizamos o Comitê de Estudantes Latino-Americanos da USP (Cela-USP). Essas ações tornaram possível o contato com todas as áreas de conhecimento, de modo que promovemos ciclos de conferências, debates e estudos sobre América Latina e África, além de eventos culturais importantes de dança, teatro, cinema e articulação política nos espaços das *colmeias* (módulos de atividades de apoio e cultura da USP) e do Crusp.

Nossos aprendizados intensivos e dinâmicos foram construídos também nesses espaços existenciais da universidade; vivenciamos a USP profundamente, com dedicação, compromisso, abertura e ação democratizante. A luta pela moradia vinculou-me a importantes intelectuais, lutadoras(es) do Brasil, da América Latina e da África. Nossos esforços ampliaram os direitos de morar na universidade para as mulheres com filhos e para centenas de estudantes de todo o Brasil que não tinham possibilidade de realizar seus estudos sem esse apoio. O amor coletivo dessas pessoas acolheu-nos por muitos anos, inclusive quando já tínhamos nos deslocado para outros horizontes.

A ECA absorveu-nos na práxis investigativa de modo fascinante, vigoroso e abrangente; o projeto integrado de *Ficção Seriada/Brasil na Telenovela a Telenovela no Brasil* articulou o trabalho da maioria dos grupos de pesquisa do departamento de comunicação e promoveu um processo coletivo de produção de conhecimento potente e renovador. Os encontros de reflexão metodológica, de definição de linhas gerais do fazer investigativo e de definição de problemáticas foram profundamente esclarecedores e revigorantes. Aprendemos a trabalhar num coletivo de dezenas de pesquisadoras(es) e construímos nossa particularidade na *pesquisa de recepção* de uma maneira agregadora, ao ampliar os grupos participantes a outras universidades paulistas (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade do Estado de São Paulo). Articular, coordenar e realizar esse projeto foi um grande sucesso da professora Immacolata, que soube operacionalizar uma pesquisa complexa com dezenas de investigadoras(es) de maneira frutífera, organizada e produtiva. Coube-me a responsabilidade da coordenação do trabalho de campo na Favela São Remo, o que foi um processo fortalecedor, inspirador e renovador de nossa experiência de trabalho com as(os) cidadãs(os) das classes subalternas. A pesquisa empírica teve um embasamento teórico metodológico que combinou os conhecimentos dos vários grupos/universidades, culturas de pesquisa e referenciais teóricos de maneira compromissada, solidária, dialógica e fértil. Tal agir investigativo funcionou como o ponto de partida da vertente *transmetodológica* que constituímos posteriormente.

A ECA foi o ambiente científico perfeito para desenvolver a tese *Pesquisa Teórica em Comunicação na América Latina...* (Maldonado, 1999), pela liberdade de trabalho para explorar, conhecer, testar e pesquisar, em combinação com orientações estratégicas sobre percursos investigativos. Esses foram os fatores acadêmico-científicos que possibilitaram desenvolver uma *pesquisa documental* histórica esclarecedora sobre a produção teórica em comunicação entre as décadas de 1960 e 1990 na região. Na época de construção da tese, o processo de digitalização estava nos seus inícios, de modo que contar com bibliotecas e materiais físicos era imprescindível. Nesse sentido, a biblioteca da ECA era um centro privilegiado de consulta, combinado com as bibliotecas de Ciências Sociais e Filosofia. De maneira simultânea, a ECA era um centro articulador de sociedades científicas, como a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e a Associação Latino-Americana de Livre-Comércio (ALAIC), o que permitia estabelecer contatos, conhecer pensadoras(es), aproveitar eventos internacionais e optar pelos caminhos que considerávamos fecundos.

A *pesquisa exploratória documental* mostrou a necessidade de realizar uma *pesquisa teórica* em profundidade com as(os) autoras(es) que fui considerando

importantes para a problemática, dada a potência de seus argumentos, a complexidade epistemológica de suas produções, o reconhecimento científico da região, sua estruturação como pensadores/pesquisadores de referência e sua configuração como teóricos que constituíram um pensamento renovador, estratégico e crítico na América Latina. A parceria com a orientadora, seu vigor metodológico, a clareza na compreensão da problemática e sua capacidade organizativa tornaram possível a realização de uma *pesquisa de campo* com autores paradigmáticos: Eliseo Verón, Armand Mattelart e Jesús Martín-Barbero. Para isso, desenhei um plano de encontros, conversações, viagens, seminários, conferências e entrevistas de *história de vida intelectual* com esses grandes mestres. A experiência foi alucinante e permitiu conhecer esses teóricos pessoalmente, receber diretamente seus ensinamentos, esclarecer questões que dificilmente podem constar só em seus livros e artigos, compreender a complexidade de sua configuração psicológica e visualizar de modo integral e abrangente os fatores que os tornaram fundadores de vertentes críticas das teorias da comunicação na América Latina. O posterior reconhecimento que recebi desses grandes mestres potencializou-me de maneira estratégica no meu percurso profissional, intelectual e investigativo.

Na ECA, conheci e aprendi o que é organizar grupos de pesquisa vigorosos, produtivos e comprometidos. Descobri e construí minha capacidade de trabalho em relações de cooperação acadêmica e científica internacional. Estruturei relações-chave no campo da comunicação no Brasil e na América Latina. Renovei e potencializei minha configuração como pensador e pesquisador. Desenvolvi e redescobri a dimensão metodológica, aprendi com minha orientadora a necessidade da formulação de estratégias multimetodológicas para a pesquisa em comunicação, que foram a base de nossas posteriores formulações *transmetodológicas* e que me levaram a desenvolver linhas de investigação que, posteriormente, alcançariam o máximo reconhecimento de excelência internacional, no Brasil e na América Latina.

É necessário destacar as parceiras e os parceiros que acompanharam e vigorizaram a caminhada na ECA, orientando e mediando o processo. Em primeiro lugar, o agradecimento à Maria Immacolata Vassallo de Lopes, que me selecionou para vir ao Brasil, orientou e foi uma parceria solidária, forte e imprescindível nessa caminhada; à Cremilda Medina, que soube reconhecer, de modo inteligente, carinhoso e potente, minha configuração intelectual e provocou uma crise epistemológica profunda em meus enquadramentos teóricos; a João Aloísio Lopes, mestre e amigo, que rapidamente compreendeu minha condição latino-americana, melhorou minhas condições de trabalho acadêmico, apoiou-me e orientou-me em decisões-chave do meu percurso; à professora Maria Aparecida Baccega, já que

# D

## Uma aventura intelectual insurgente

a força do seu pensamento crítico soube questionar e problematizar aspectos teóricos formalistas – que eu conservava nos meus argumentos – e estabeleceu as condições necessárias para que nossos grupos de pesquisa se fortalecessem e fecundassem. Também agradeço a Adilson Citelli, por seu apoio e sua parceria no meu processo de mergulho e aprendizagem na língua portuguesa brasileira e no campo da educomunicação. A Luiz Roberto Alves, por ter aberto meu campo teórico para a vertente de Mikhail Bakhtin e para importantes teóricos das letras brasileiras. Aos grandes mestres Octavio Ianni e Milton Santos, por terem invadido meu campo intelectual com a sabedoria e a força de sua produção teórica, que me mostrou a qualidade, o vigor e a importância da produção investigativa em Ciências Sociais no Brasil. Às parceiras, camaradas e amigas, Jiani Adriana Bonin e Roseli Figaro, companheiras de estudos na ECA, com quem continuo desenvolvendo projetos, atividades, redes e transformações.

Para finalizar, cabe sublinhar a riqueza e a complexidade de uma escola que tem sido o berço histórico inaugural da pesquisa científico-acadêmica em comunicação no Brasil. De fato, durante os primeiros 25 anos de história do campo no país, quando participamos desse fecundo e estratégico processo, a ECA cimentou, estabeleceu e deu continuidade a um campo científico inovador na América Latina. A sua produção de pesquisas tem sido central na formação de um campo acadêmico consistente, promissor, produtivo e crítico. As doutoras e os doutores formados na Escola estão em todas as regiões do Brasil e têm gerado processos de estruturação de programas, comunidades, redes e projetos relevantes e necessários para o desenvolvimento do campo científico em comunicação do país. Sou um filho desse processo gerativo, amo e reconheço a minha história na ECA como uma “plataforma espacial intelectual de lançamento cósmico” ao mundo da produção de conhecimento comunicacional crítico transcendente. A configuração da minha concepção epistemológica crítica *transmetodológica* teve na Escola uma incubadora de conhecimento fecunda. Para as atuais e as novas gerações de estudantes, professores e pesquisadores que conformam a ECA, é importante promover e renovar a reflexão histórico-crítica sobre a própria instituição, sobre seus brilhantes e necessários passados e sobre a necessidade de potencializar futuros de excelência, comprometidos com os povos do Brasil, da América Latina e do mundo. ■

**REFERÊNCIAS**

- Maldonado, A. E. (1991). *Geopolítica de la difusión transnacional: El conflicto centroamericano, estudio sobre el tratamiento de la información en 7 grandes diarios de Ecuador* [Trabalho de conclusão de curso não publicado]. Universidad Central del Ecuador.
- Maldonado, A. E. (1999). *Pesquisa teórica em comunicação na América Latina: Estudo de três casos relevantes: Verón, Mattelart e Martín-Barbero* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório institucional da USP. <https://bit.ly/3TG1iPA>

---

Artigo recebido em 15 de Outubro de 2022 e aprovado em 16 de Novembro de 2022.

